

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

# DJÉMILA, CUIICUL ROMANA

---

UMA PERSPECTIVA SOBRE A ARQUITECTURA PÚBLICA DE CUIICUL

Carlos Oliveira | Inês Vieira | Maria Isabel de Mendonça



# Índice de Conteúdos

<b>Nota Prévia</b> .....	3
<b>Inserção Urbana e Território</b> .....	6
<b>Traçado e Sistema de Composição</b> .....	9
Fases de Construção.....	14
<b>Tipologias Públicas Romanas e a sua Organização Funcional no contexto da cidade</b> .....	17
Os Espaços Públicos .....	19
Fórum do Capitólio.....	20
Fórum dos Severos .....	25
Bairro Cristão.....	28
Outros Equipamentos Públicos .....	32
<b>Conclusão</b> .....	38
<b>Notas Sobre as Ilustrações</b> .....	39
<b>Bibliografia</b> .....	40
<b>Web-Bibliografia</b> .....	40

«(...) La ville morte est au terme d'une longue route en lacet qui semble la promettre à chacun de ses tournants et paraît d'autant plus longue. Lorsque surgit enfin sur un plateau aux couleurs éteintes, enfoncé entre de hautes montagnes, son squelette jaunâtre comme une forêt d'ossements, Djémila figure alors le symbole de cette leçon d'amour et de patience qui peut seule nous conduire au cœur battant du monde. Là, parmi quelques arbres, de l'herbe sèche, elle se défend de toutes ses montagnes et de toutes ses pierres, contre l'admiration vulgaire, le pittoresque ou les jeux de l'espoir. »<sup>1</sup>

Albert Camus, *Le vent à Djémila*

## Nota Prévia

De uma maneira geral, houve sempre, aliado ao desejo de expansão imperial de Roma, um esforço de urbanização e monumentalização das províncias do Norte e Centro da Europa, da Península Ibérica, do Médio Oriente e do Norte de África. Houve, também, um notável investimento em edifícios públicos, onde os habitantes, citadinos ou rurais, cidadãos de direito romano e peregrinos, eram impelidos a contemplar as figuras imperiais esculpidas ou embutidas nas suas fachadas, como demonstração do poder político e divino que lhes pertencia<sup>2</sup>.

Para o nosso estudo, que se configura à cidade de Cuicul, importa fazer, ainda que brevemente, uma alusão à denominada África Romana. Esta designação engloba tanto os territórios dominados pelo Império como a parte romanizada de África. Eram ao todo oito províncias, entre as quais a da Numídia, na qual se localizava a cidade em estudo. Importa, igualmente, referir que o território africano sofreu várias mudanças durante diversas épocas, em sintonia com as alterações políticas dos governos dos Júlio-Claudianos, dos Flavianos, dos Antoninos e dos Severos.

---

<sup>1</sup> (Tradução nossa) A urbe morta está no termo de um longo caminho serpenteante que parece prometê-la ao virar de cada curva, aparentando estar muito distante, quando finalmente desponta num planalto de cores desbotadas, escondida entre altas montanhas. Djémila, o seu esqueleto amarelecido semelhante a um bosque de ossadas, aparece como o símbolo duma lição de amor e de paciência e, só, conduz-nos ao coração palpitante do mundo. Aqui, por entre algumas árvores e folhas secas, ela debate-se contra as grandes montanhas e todas as suas pedras, contra a admiração vulgar, o pitoresco e os jogos de esperança.

<sup>2</sup> Susan Raven, *Rome in Africa*



Figura 1: Vistas aéreas sobre Cuicul; imagens retiradas do sítio:  
<http://christocentrix.over-blog.fr/tag/!Alg%C3%A9rie%20me%20fait%20mal/>

Cuicul ou Djémila [fig. 1], “a bela”, em árabe, situada na Argélia, dista 43 km de Sétif, a cidade mais próxima, e 60 Km do mar Mediterrâneo. Localiza-se sobre um planalto entre montanhas, a 900 metros de altitude. A cidade foi fundada entre 96 a 98 d. C., desenvolvendo-se a Norte, a partir de dois eixos axiais – o *Cardus Maximus* e o *Decumanus Maximus*. Constitui um verdadeiro exemplo de adaptação do urbanismo romano a um local geograficamente único no mundo.

Erguida, inicialmente, como uma guarnição de armamento militar, Cuicul tornou-se, mais tarde, num grande mercado comercial onde os recursos agrícolas, abundantes na área da sua implantação, contribuíram decisivamente para a sua prosperidade. Com o declínio do Império Romano, os governantes de Cuicul preocuparam-se em equipar a cidade com edifícios alusivos ao Cristianismo, que se havia tornado a religião oficial do Império, com o Imperador Teodósio, depois do Édito de Tessalónica, em 380<sup>3</sup>.

De referir que esta investigação sobre Djémila e as suas ruínas, que se tornou, para nós, numa descodificação paciente a partir dos escassos elementos que temos à disposição (a maior parte são plantas e textos descritivos desatualizados que nem sempre correspondem ao olhar contemporâneo dos historiadores, arqueólogos e arquitetos), centrou-se, sobretudo, no conhecimento histórico das arquiteturas antigas e na planificação urbana da cidade. Simultaneamente, propomo-nos a analisar e comentar os problemas arquitetónicos e soluções que ocuparam os construtores romanos e, posteriormente, os cristãos desta cidade. Tendo em conta aquilo que é influente para

---

<sup>3</sup> Ferdinand Dupuis-Panther, *Património da Humanidade*, vol. 2

nós em matéria de projeto e planeamento, este exercício de análise foi realmente preponderante, enquanto estudantes de Arquitetura.

O desenho foi a ferramenta principal – centrado mais na cidade e nos espaços públicos do que em arquiteturas concretas. Seleccionámos, igualmente, uma série de fotografias e desenhos ilustrativos (sobretudo, destes últimos, esboços e esquissos), a partir da bibliografia consultada ou da nossa autoria, que permitissem, conciliando com os outros desenhos mais técnicos, a constituição de uma imagem mais real do local. Os desenhos produzidos constituem-se, porém, como descrição gráfica de algo já materializado e, hoje, em ruínas; no entanto, são, também, fruto de um processo crítico, de análise dos vestígios, dos sistemas construtivos, bem como das diversas especificidades de Cuicul – atividade intrínseca do trabalho de um arquiteto<sup>4</sup>, que assume a responsabilidade de imaginar como seriam os edifícios e as cidades antigas.

---

<sup>4</sup> Por exemplo, Le Corbusier, absorvido pelo estudo das formas arquitetónicas que conheceu em viagens, realizou uma série de esquissos, depois compilados na “Viagem do Oriente”, que foram fundamentais para a afirmação da sua linguagem arquitectónica.

## Inserção Urbana e Território

“A «Civilização» chegou ao Norte de África com os comerciantes de Canaã, junto de Tiro e Sídón, e a sua língua – o fenício, mais tarde conhecido por cartaginês no noroeste africano – era muito próxima do hebraico.”<sup>5</sup>

Estima-se que a chegada dos fenícios ao Norte de África tenha acontecido por volta do 2.º milénio a.C.. À Fenícia haviam chegado, alguns séculos antes, quando Ugarite, na costa Síria, desempenhava um importante papel na economia egípcia, inúmeros marinheiros, que impulsionaram a descoberta daquele continente. Os portos no Norte de África tornaram-se pontos estratégicos de troca e de paragem das rotas entre a Fenícia e Espanha. E, em pouco tempo, Cartago (Qart-Hadasht) desenvolveu-se, de tal modo que se constituiu como uma das cidades mais importantes da Antiguidade.

Entretanto, os gregos, na expansão do seu território, chegaram ao Egipto e à Tripolitânia, disputando com Cartago as rotas e os caminhos que seguiam para o interior de África, pelo deserto [fig. 2]. Cartago decidiu fundar as cidades de Lepcis Magna, Oea e Sabratha para fazer face às provocações gregas; os gregos, por sua vez, tomaram grande parte da Líbia (séc. VIII-VI a.C.), onde fundaram Cirene.

O povo líbio era antepassado dos berberes que, apesar do domínio fenício, grego, e depois romano, bárbaro, árabe, francês e italiano, soube preservar a sua identidade. Este povo mantinha excelentes relações com Cartago, que lhes havia dado abertura para, no seu território, implantarem aldeias. Para além disso, é de salientar a variedade de povos, etnias e culturas alojadas naquela região, onde se crê ser o berço das primeiras civilizações da História da Humanidade.

A Este do território cartaginense, na região de Sírtica, habitava o povo seminómada de Nasamonés. Estes estavam habituados a percorrer toda esta área, desde o oásis de Augila até à costa mediterrânica, onde eles eram temidos pelos comerciantes em rota e outros caminantes. A Sul, no oásis de Fezzan, encontravam-se os Garamantes, povo que efetuava grande parte das trocas comerciais junto ao deserto do Sahara, e os Numídia – o maior povo do Magreb. A Oeste, viviam os Moors, da Mauritânia.

No séc. II a. C. iniciaram-se as invasões romanas no Norte de África, pelo mar Mediterrâneo. Este acontecimento originou, posteriormente, a queda e destruição de Cartago, permanecendo, no entanto, a região dos Numídia por penetrar. Os romanos melhoraram as ligações com Alexandria e colonizaram as cidades de Tripolitânia.

---

<sup>5</sup> Anthony R. Birley, *Septimius Severus, the African Emperor*



Figura 2: Mapa da região do Mediterrâneo (séc. V); imagem retirada do sítio: <http://www.ufrgs.br/igeo/ig/multisites/multisites/m.topografia/images/Mapa%20seculo%20VAC%20mediterraneo.jpg>

Algumas discussões e disputas pela sucessão do trono enfraqueceram a união entre os povos do império Numídia, levando à dispersão destes pelo seu vasto território. Roma, porém, decidiu fixar alguns militares veteranos nessa região, procedendo à romanização de alguns povos e pequenas aldeias/tribos e à fundação, no séc. I d.C., de importantes cidades, no contexto da expansão do império romano (iniciado por César Augusto no séc. I a.C.) – tais como Cuicul, Timgad, Gemellae, entre outras.

No caso de Cuicul, fundada no tempo dos imperadores Nerva e Trajano, naquele local (planalto de solo acidentado, a 900 metros de altitude, de terras férteis pela junção de dois rios) a cidade ocupava uma função estratégica: erguida sobre uma pequena aldeia berbere (da qual hoje já não se encontram vestígios), podia-se facilmente vigiar a encruzilhada das estradas, constituindo-se como um basilar posto de observação das vias de comunicação com Cartago, de Cirta (hoje Constantina) para Sitifis (Sétif) e do porto de Igilgili (Djijelli) para Lambèsis (Tazzoult/Lambèse), centro administrativo da Numídia [fig. 3]. Esta posição vantajosa favoreceu sobremaneira a atividade comercial da cidade. O solo fértil atraiu numerosos colonos e a povoação cresceu consideravelmente. No fim do séc. II, a colónia romana tornou-se uma bela cidade com mais de 10 000 habitantes, constituindo-se, por isso, como um excelente caso de estudo da arquitetura e do urbanismo romanos no Norte de África, praticados desde o séc. I ao séc. VI. Neste caso, a inserção urbana de Cuicul fez-se com a sua adaptação à geografia do lugar, não seguindo, como tal, rigidamente a fórmula romana tradicional para o planeamento urbano.<sup>6</sup> Yvonne Allais, uma das principais estudiosas das ruínas de Cuicul,

---

<sup>6</sup> Paz Lopez Paz, *La Ciudad Romana Ideal*, 1. El Territorio

referiu, inclusive, o seguinte exemplo, no que respeita à inserção urbana da cidade naquele território: a genialidade dos engenheiros e arquitetos romanos encontra-se “na execução dos trabalhos de terraplanagem que permitia, assim, obter uma larga superfície plana que contivesse a cidade naquele território acidentado”<sup>7</sup>. Tal foi fundamental para erguer, na intersecção do *Cardus* com o *Decumanus Maximus*, uma extensa praça plana no centro do fórum, sobre o que era, na verdade, um terraço artificial, que se constituiu como o principal centro cívico da cidade até ao II século d. C.

---

<sup>7</sup> Yvonne Allais, *Djemila*

## Traçado e Sistema de Composição

As idiossincrasias geográficas do local onde Cuicul foi implantada [fig. 4] tornaram-na num testemunho de excepcionais casos de reformulação de regras e normas clássicas. Cabe, neste ponto, referir algumas dessas situações.

A parte do bairro romano mais antigo de Cuicul estendia-se, de Norte a Sul, sobre uma distância de 170 metros e, de este a oeste, sobre 45 a 50 metros de largura, entre o *Cardus Maximus* e a muralha. A desproporção entre estas duas dimensões explica-se pelas particularidades do local onde se estabeleceu a colónia romana: um planalto estreito, com 400 metros de Norte a Sul, que tinha, a este e a oeste, íngremes ravinas. A Sul, uma depressão separava a colónia de uma colina bastante íngreme. Era, por isso, necessário adaptar a configuração romana tradicional à estrutura do solo. A muralha, de cerca de 2 metros de largura, desenhava um triângulo irregular.

A artéria principal da cidade, o *Cardus Maximus* [fig. 5], dirigindo-se desde a porta Noroeste à porta Sudeste, dava volta à encosta, em lugar de estar orientada exatamente no sentido Norte-Sul, de acordo com a regra clássica.<sup>8</sup> Por outro lado, os construtores e arquitetos que desenharam o plano da cidade procuraram dar grandes dimensões (de acordo com o que o terreno permitia), tão vastas quanto possível, ao fórum e enquadrando no centro os principais monumentos públicos – todo este conjunto ocupava cerca de 60 metros de Este a Oeste e, na orientação Norte-Sul, chegava quase a 100 metros (ver planta integral da cidade). Para obter este resultado, colocaram o *Cardus* na orla ocidental do planalto, encontrando-se a maior parte do bairro e todas as construções públicas entre a rua principal e a muralha, no lado Este. Com o prolongamento da cidade para Sul, o *Cardus Maximus* passou a evidenciar o aspeto de uma linha quebrada. A sua largura tinha 5 metros, distinguindo-se das restantes ruas que apresentavam 3 ou 4 metros. Em Cuicul colocou-se, deste modo, o problema da rótula (perceptível na planta da cidade, mais concretamente junto ao Arco Sul sobre o *Cardus Maximus*, depois continuado pela Grande Rua Prolongada). Como referido anteriormente, a mudança de direção justificava-se pelas premissas de Vitruvius, pela interseção do *Decumanus* com o *Cardus* e pelo território. Estes aspetos conferiram uma torção do *Cardus Maximus*, relevante para a destruturação da malha da cidade, nos momentos de crescimento que se seguiram, contrapondo-se à malha rígida (de *cardines* e *decumanis* ortogonais entre si) que caracterizava o núcleo mais antigo de Cuicul. A mesma torção não foi desprezada pelas novas construções, sentindo-se, ainda com mais força, a anomalia quando foi erguido o templo a *Vénus Genetrix*, adjacente ao Fórum do Capitólio, a interromper o *Decumanus*. Este templo acabou por adotar, de um dos lados, a nova direção e, do outro lado, um paralelismo com o *Cardus* de fundação.

---

<sup>8</sup> M. Justino Maciel, *VITRÚVIO, Tratado de Arquitectura*



Figura 5: Fotografia de Bovis Marcel sobre o *Cardus Maximus*

em vários momentos, por exemplo, as Grandes Termas, construídas naquele local pela proximidade ao aqueduto, surgiram paralelas ao traçado posterior do *Cardus Maximus* e algumas construções mantiveram-se relacionadas com os edifícios que compunham o Fórum dos Severos.

Uma grande linha, iniciada desde o *Cardus Maximus* até à Grande Rua Prolongada, fruto de pensamentos arquitetónicos e urbanísticos embora distintos, funcionou como elemento agregador de toda a cidade, evidenciando dois momentos - por um lado, uma racionalização da organização urbana, a Norte, e, por outro lado, a descontinuidade dessa organização, a Sul.

Quanto às vias secundárias, a maior parte resultou da configuração do terreno, embora seja perceptível uma regularidade no bairro Este da cidade de fundação. Na zona situada a Sudeste do Fórum do Capitólio sucedem-se três ruas exatamente paralelas ao antigo sector Sul do *Cardus Maximus*. Estas ruas estavam separadas umas das outras por uma distância aproximada de 17,30 a 18 metros. No bairro Oeste, as condições eram mais desfavoráveis, uma vez que o espaço compreendido entre o *Cardus* e a muralha [figs. 6 e 7] era muito mais limitado e o declive do solo mais acentuado.<sup>9</sup> Era também frequente que a primeira fundação, encerrada dentro das muralhas retangulares, fosse ultrapassada pelos processos de aglomerado. Formaram-se em Cuicul, desta forma, bairros para além da muralha que não obedeciam a regras específicas e que portanto, se desenvolviam com total liberdade.

Outras cidades africanas, para além da estudada, ajudam-nos a perceber a evolução das cidades provinciais. Em Leptis Magna, cidade da Tripolitânia, as escavações revelaram a

---

<sup>9</sup> Yvonne Allais, *Le Quartier Occidental de Djemila*



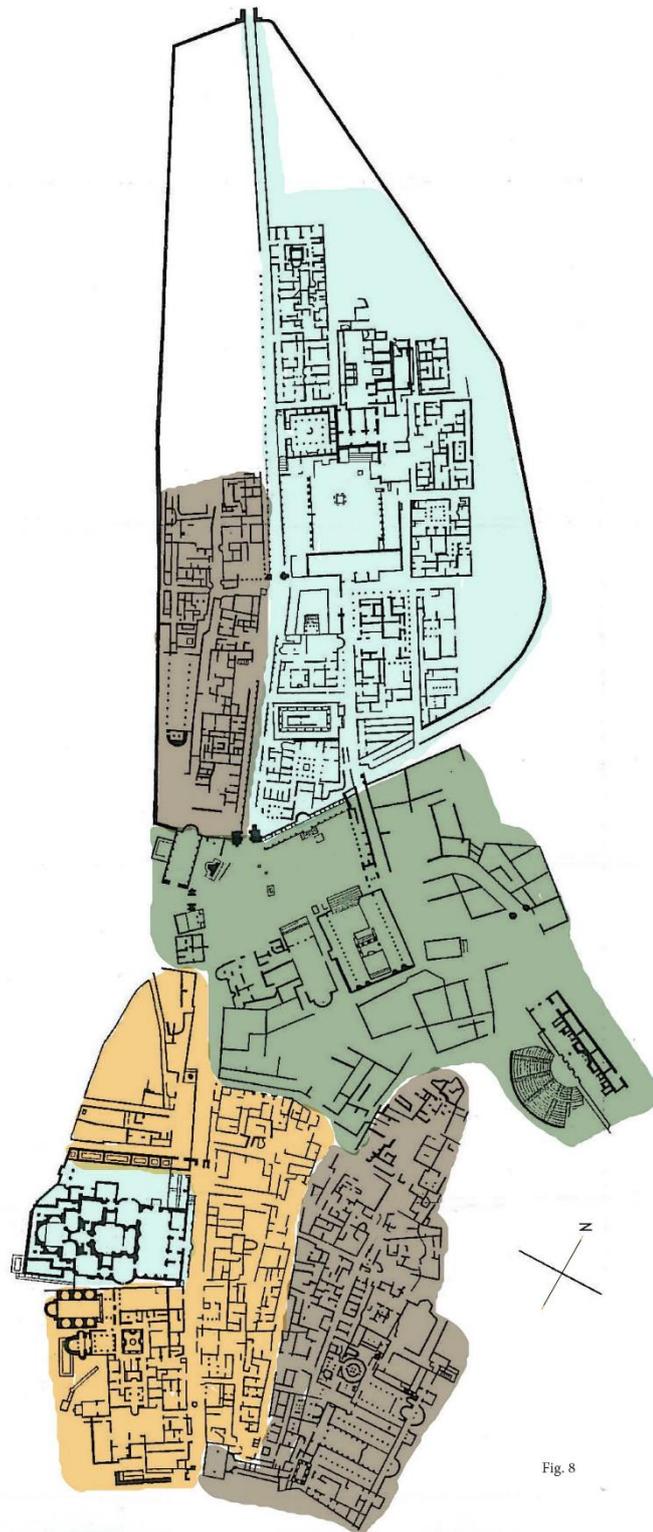
Figuras 6 e 7: Fotografias de Bovis Marcel do arco sul sobre o *Cardus* e da muralha

existência de um fórum que remontava ao início da ocupação romana. A este fórum primitivo juntou-se um segundo, no tempo de Séptimo Severo: o fórum severiano serviu de centro a um novo bairro, como uma segunda cidade justaposta à primeira. Em Djémila aconteceu algo semelhante no local da intersecção da estrada de Cirta (Constantina) para Sitifis e da estrada do Sul conduzindo a Lambese. Devido à relativa estreiteza do local, já mencionada anteriormente, o aglomerado, sem poder desenvolver-se muito para a esquerda ou para a direita da rua principal, cresceu em comprimento para Sul e para fora do espaço muralhado, marcando o início desse acontecimento a construção, tal como em Leptis, do fórum severiano. Três quartos de século após a fundação de Cuicul, os seus habitantes tiveram condições para construir um teatro, que instalaram fora da muralha, tal como aconteceu em Timgad, e, vinte anos mais tarde, as Grandes Termas, quase no extremo Sul da cidade. À volta das termas desenvolveram-se novos bairros que se encontravam abrigados pela velha muralha e dispunham de uma situação privilegiada, pela proximidade ao fórum severiano.

Durante o século II, assistiu-se a uma redução da construção e do restauro de edifícios, que tinham conhecido o seu expoente máximo na época severiana. Aliás, refere Gareth Sears, na obra *The Cities of Roman Africa*, que os 50 anos entre o reinado severiano e as reformas de Diocleciano “são geralmente vistas como um período de crise e, de certa forma, de transição do “alto” Império para o “tardio” Império Romano”, embora tal exclua a construção, pois, após Severo, a cidade continuou a crescer. E o século III marcou, ainda, o começo do abandono da forma e dos traçados urbanos tradicionais para a consolidação de uma forma de urbanismo de influência cristã.

Em síntese, como pudemos extrapolar, não existia nenhum quadro rígido do urbanismo provincial - Roma não impunha, de modo algum, formas acabadas. Os arquitetos locais

tinham, assim, alguma liberdade para ornamentar e desenvolver as cidades. Contudo, certos edifícios eram imitações dos edifícios da capital: as termas, os teatros, os anfiteatros, os arcos de triunfo, as basílicas junto ao fórum, os pórticos, os mercados cobertos, as cúrias para as reuniões do conselho municipal, ou seja, tudo o que servia as importantes funções da vida social, política, comercial foi concebido segundo os modelos romanos. Não devemos, todavia, esquecer que o modelo proposto às províncias africanas devia muito à tradição das cidades helenísticas e que a conquista romana, em vez de provocar uma rutura na evolução da cidade antiga, fez esta amadurecer mais rapidamente e contribuiu para a sua difusão.



- 1ª Fase - Período dos Antoninos (séc. II. d.C.)
- 2ª Fase - Período dos Severos (séc. III. d.C.)
- 3ª Fase - Cristianismo (séc. IV. e V. d.C.)
- 4ª Fase - Vândalos e Bizantinos (meados do séc. V.)

Fig. 8

## Fases de Construção

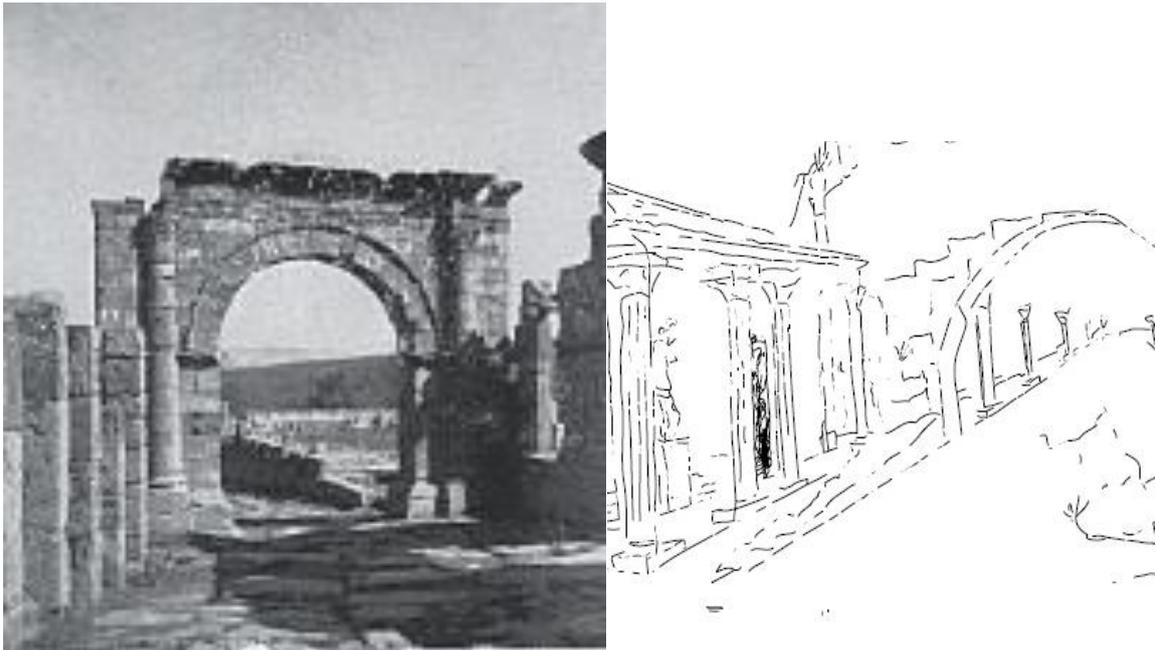
A cidade provincial romana de Cuicul [fig. 8], na Numídia começou por ser uma cidade militar (a sua fundação, naquele local, reforçava a fronteira da Numídia com a Mauritânia e marcava, naquela época, o limite meridional do império romano, como vimos), sendo, igualmente, posto de vigia das principais estradas da época. Esta cidade cresceu para se tornar, mais tarde, um mercado de transações comerciais de grande porte, principalmente, ligado à agricultura.

Tornou-se imperioso, como tal, construir muralhas à volta da cidade, que assumiram, devido à irregularidade do terreno (um planalto acidentado entre duas montanhas, a 900 metros de altitude), uma forma próxima da de um triângulo, com duas portas – uma a Noroeste e outra a Sudeste. Com um traçado engenhoso e, de certa forma, desligado do rígido modelo urbano de Roma<sup>10</sup> (que foi estritamente seguido por inúmeras cidades provinciais, como é o caso de Timgad), a cidade desenvolveu-se a partir de dois eixos – o *Cardus* e o *Decumanus Maximus* -, perpendiculares entre si, no centro, onde se situava o Fórum do Capitólio]. A construção da maior parte dos edifícios do Fórum, nomeadamente a Cúria, o Capitólio e a Basílica, fez-se a partir da segunda metade do séc. II, no reinado de Antonino Pio; embora se tenham acrescentado outros monumentos, em simultâneo: novos templos; umas Termas, junto ao Capitólio; desenvolveram-se novos bairros que se expandiram até aos limites da cidade e, inclusive, para fora destes, a Sul; as ruas foram pavimentadas e apresentavam, inicialmente, colunas dóricas e, depois, junto aos edifícios de maior importância, colunas coríntias [figs. 9 e 10]; um Teatro, implantado fora das muralhas, para o aproveitamento de uma colina situada a sul da cidade, que foi terminado só no fim do período antonino.

A construção do novo Fórum, na época severiana – período, de uma maneira geral, bastante profícuo no que respeita ao desenvolvimento das cidades romanas do Norte de África -, marcou uma nova fase de construção: a monumentalização da cidade ganhou outra vitalidade, da qual resultou uma série de novas tipologias. No final do séc. II e no início do séc. III, o município construiu um enorme Celeiro, destinado ao armazenamento de bens e de alimentos; o novo Fórum foi rodeado por edifícios maiores e mais impressionantes do que os que existiam junto do antigo - foram erguidos um Templo dedicado à *Gens Septimia*, um novo Mercado, uma série de monumentos de carácter honorífico, que embelezavam a cidade e homenageavam a figura do imperador, como o Arco de Triunfo de *Caracalla*, entre outros -, constituindo-se um novo centro cívico. Desenvolveram-se novos quarteirões e bairros e novas ruas, a partir do novo

---

<sup>10</sup> Não Roma cidade, mas enquanto seio da civilização romana.



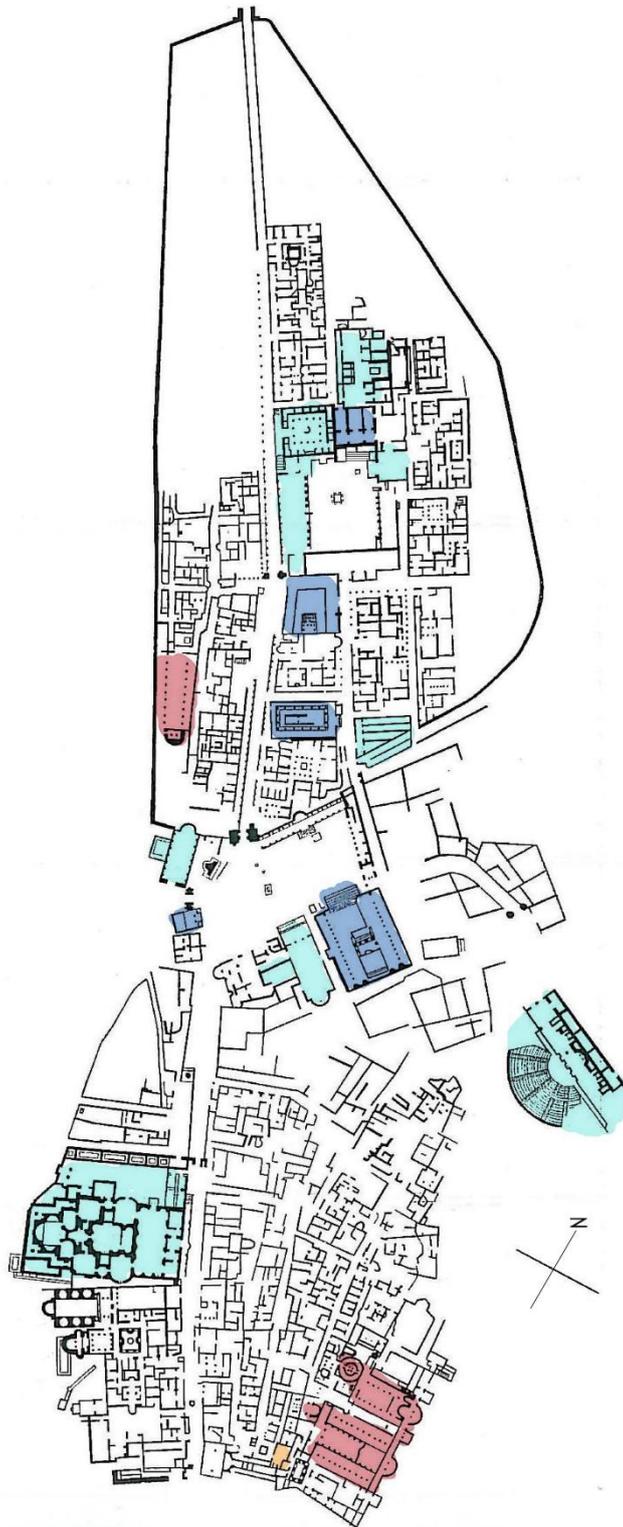
Figuras 9 e 10: A respeito das ações de embelezamento da cidade, esquisso da nossa autoria e fotografia, retirada do sítio [http://wwwdelivery.superstock.com/W1/223/4034/PreviewComp/SuperStock\\_4034-57241.jpg](http://wwwdelivery.superstock.com/W1/223/4034/PreviewComp/SuperStock_4034-57241.jpg)

fórum, gerando, assim, uma malha urbana bastante estreita, algo atípico para uma cidade romana, que se estendia desde o antigo núcleo, a Norte, para Sul.

Com o alargamento da influência do cristianismo no império, houve necessidade de equipar a cidade com novos edifícios, influenciados por um espírito arquitetonicamente distinto que se começava a formar. Constituiu-se o bairro cristão, como é designado por Yvonne Allais, diferenciado dos restantes pelo seu traçado de ruas tortuosas. O último edifício importante da cidade, construído no tempo de Valentiniano I (que presidiu os destinos de Roma com o seu irmão Valente, entre 364 e 375), foi a grande basílica, da qual subsistem hoje a cripta, a abside e os vestígios das colunas que separam a nave central, de 16 metros de comprimento, das naves laterais. O chão de mosaico, de motivos geométricos azuis e verdes, testemunha o último esplendor da cidade, que caiu no esquecimento no séc. V, depois da invasão dos Vândalos<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Ferdinand Dupuis-Panther, *Património da Humanidade*, vol. 2



- Edificios Romanos Públicos Religiosos
- Edificios Romanos Públicos Cívicos
- Edificios Cristãos Públicos Religiosos
- Edificios Cristãos Públicos Cívicos

Fig. 11

## Tipologias Públicas Romanas e a sua Organização Funcional no contexto da cidade [fig. 11]

Naturalmente, as cidades romanas mais ricas tinham em maior número e variedade um conjunto de edifícios públicos, construídos com as doações privadas de cidadãos ou de imperadores. Mal as cidades começavam a ganhar alguma importância, tornava-se imperioso construir os próprios banhos públicos e termas.<sup>12</sup> Estes eram tão importantes para o decorrer da vida social da cidade quanto o fórum ou a cúria. Os banhos públicos ofereciam refrigeração e limpeza no clima sufocante do Norte de África. Os banhos públicos de Cuicul eram as Termas do Capitólio (da primeira metade do séc. II) e as Grandes Termas. Sobre estas últimas, por terem sofrido, pelo menos, um grande incêndio e consequentes restauros, não se sabe ao certo quando terão sido erguidas ou, até, se não teriam pertencido à Casa de Bacchus, na proximidade do local, constituindo-se, então, como mais uma tipologia privada.

Contudo, de facto, as termas privadas são um dos assuntos de maior interesse na arquitetura romana, não só pelo grande número de exemplos (há mais inscrições sobre banhos ou termas do que doutro tipo de estrutura romana), mas também pela variedade de esquemas que estas podiam apresentar. Porém, não nos cabe alongar mais sobre este assunto, visto que não diz respeito a este trabalho o estudo das tipologias privadas de Cuicul.

Provavelmente devido ao tamanho relativamente pequeno da cidade, não se construíram nem *circus* nem anfiteatros, embora tal não significasse que não se pudessem realizar jogos nos espaços ao ar livre. Para além disso, Cuicul foi construída com um propósito de defesa e de observação de rotas, não se constituindo como principal necessidade a existência deste tipo de espaços públicos. No entanto, os cidadãos poderiam auferir deles noutras cidades, nas proximidades, como Lambaesis (a cerca de 150 km), Sétif (a cerca de 60 km), entre outras. Mas, ao longo das gerações, foi-se incutindo, pelo processo de romanização, o hábito romano dos rituais, dos espetáculos e festivais religiosos e dos jogos. Outro aspeto que se difundiu foi o de latinizar os espaços através da escrita – são exemplo, as inscrições sobre edifícios, dedicações e *stelae* a deuses, túmulos e tumbas, estátuas em honra de divindades, de imperadores ou pessoas ilustres da cidade (como são, no caso de Cuicul, as inscrições no templo em honra de Septimius Severus e da família e nos dois fóruns); a estatuária era erguida, sobretudo, junto e no interior dos edifícios públicos - nas termas, nos mercados, nos teatros, nos templos – e ao longo das ruas, como demonstração do poder das elites.

---

<sup>12</sup> Susan Raven, *Rome in Africa*

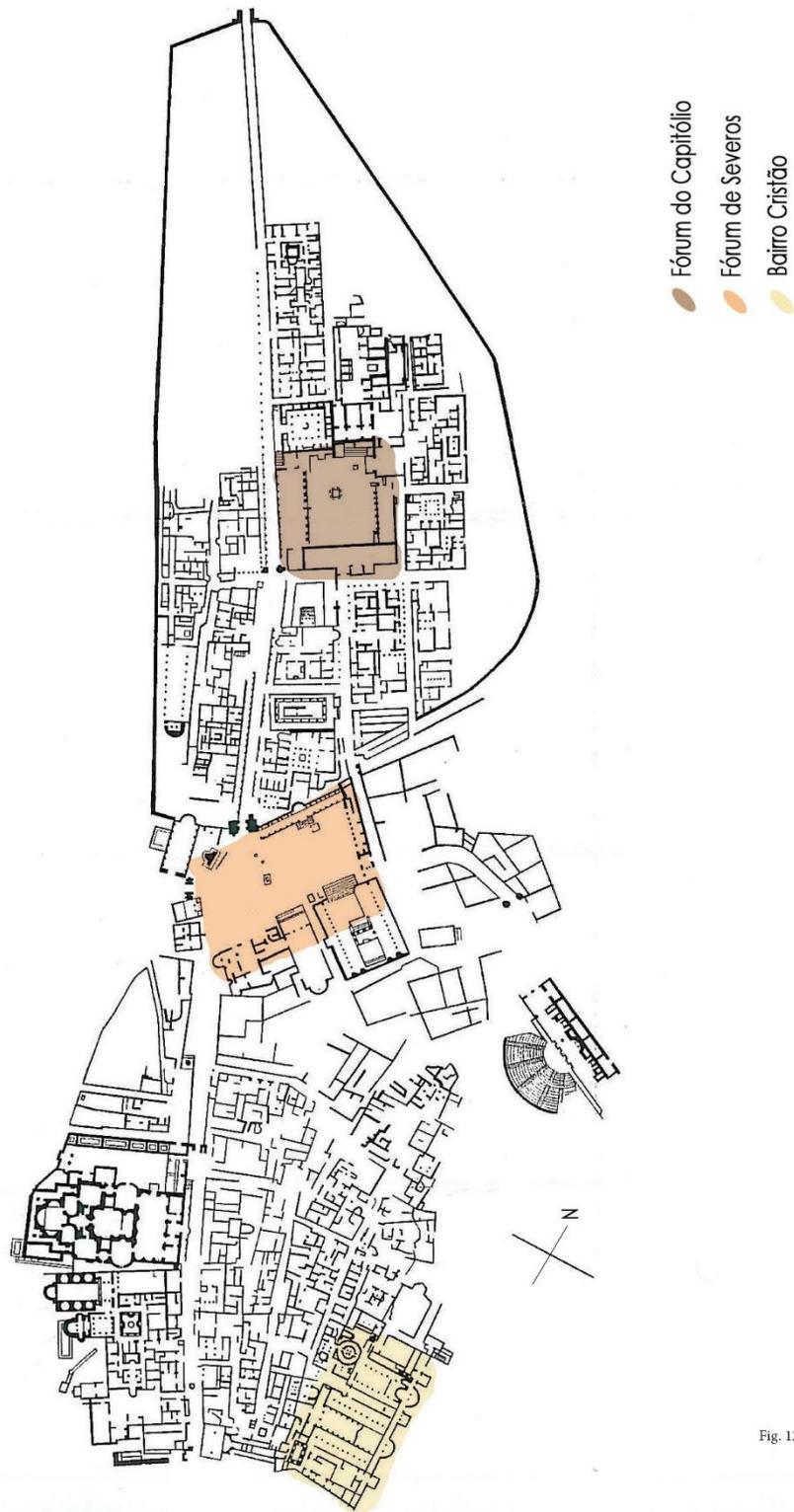


Fig. 12

## Os Espaços Públicos [fig. 12]

A propósito do estudo das tipologias públicas de Cuicul, decidimos explorar três espaços que centralizavam todo o decorrer da vida pública. Esses espaços, dois fóruns romanos, de épocas distintas, e uma praça de um bairro cristão, possuem características que vale a pena examinar porque remetem para o estudo do urbanismo das cidades da Antiguidade Clássica (e dos séculos seguintes) e dos edifícios públicos. Os dois fóruns romanos preconizam duas épocas do império romano – a primeira, o séc. I e, a segunda, o final do séc. II/início do séc. III –, contudo existe um elo que aproxima as duas construções. Trata-se da ambiguidade espacial - algo que os romanos eram exímios em proporcionar - que encontramos na generalidade das urbes romanas. Uma das principais características da arquitetura romana residia na edificação de estruturas cujos interiores e exteriores tivessem igual significado, sendo difícil, por vezes, conhecer os limites de um e de outro. As praças dos *fora* romanos de Cuicul, espaços públicos abertos, cernes da vida na cidade, permitiam a articulação do exterior com conjuntos espaciais mais ou menos fechados - os edifícios que delimitavam as mesmas praças. Assim, a colocação de colunatas ou conjuntos de pilares nos edifícios públicos destinavam-se a proporcionar relações pontuais com os acontecimentos da cidade, não desligando, por completo, o interior do exterior. A construção esporádica de pórticos e arcos de triunfo [figs. 13 e 14] assinalavam a passagem especial para um novo espaço público - fossem eles ruas, fóruns, templos...

Todavia, os espaços públicos romanos, por terem sido estabelecidos, *grosso modo*, a partir de modelos e regras justificadas, assumiam uma relação estática com o Homem. Essa estaticidade opõe-se ao forte senso de dinamismo e complexidade dos espaços públicos das urbanizações posteriores, nomeadamente as cristãs. Outro aspeto que distingue as duas comunidades é a escala, nas urbanizações romanas mais grandiosa do que nas cristãs.

Em Cuicul, iremos, então, destacar o principal complexo conhecido do bairro cristão (este contemplava duas basílicas, um batistério, um palácio episcopal e uma igreja), cuja praça é correspondente ao principal espaço público da parte a Sul da cidade. Trata-se, tal como os fóruns romanos, de um local exterior, mas que, em proporção e forma, era totalmente distinto dos espaços romanos. A praça cristã de Cuicul remetia para a espacialidade de um mundo cristão em formação: nos séculos III e IV, nas comunidades cristãs, perseguidas antes do Cristianismo ascender a religião oficial, sentia-se uma ambiência escura e tímida. Em contrapartida, a real expressão e força da arquitetura cristã desvendava-se nos seus interiores. Uma vez no interior das basílicas, conseguimos usufruir de todo aquele lugar, disposto no sentido do comprimento – acentuado pelo



Figuras 13 e 14: Fotografias de Bovis Marcel do, respectivamente, pórtico de entrada para o templo de Vénus *Genetrix* e do arco de Caracalla

realmente complexos, que só o desenho dos edifícios pode explicar. Rompendo com a monumentalidade do mundo romano, neste aspeto, as construções cristãs surgiram totalmente autónomas das precedentes, no sentido de afirmar uma arquitetura mais dinâmica e simbólica.

Após esta reflexão, segue-se a descrição e análise dos três espaços públicos referidos e, por fim, os restantes equipamentos públicos, com respetiva descrição e relação com a cidade discriminada.

### **Fórum do Capitólio [fig. 15]**

Foi nas cidades fundadas após a conquista romana, remodeladas na época da organização das províncias no início do Império ou dotadas de um novo centro monumental previsto ou, ainda, na sequência de uma promoção jurídica, que se aplicou com mais rigor o esquema do fórum tripartido, de influência militar. O fórum constituía, na Roma Imperial, o espaço mais importante e de maiores dimensões. No caso de Djémila, o fórum do Capitólio tinha uma área de cerca de 2000 metros quadrados e, tal como Vitruvius defendia, encontrava-se no centro da cidade. Este dispunha dos seguintes edifícios: basílica *Julia*, capitólio, cúria e mercado *Cosinus* [fig. 16].

O seu plano regulador adaptava-se facilmente à malha urbana quadriculada, como se praticava em Roma durante o império de Trajano. Segundo Pierre Gros, o fórum de Trajano em Roma [figs. 17 e 18] apresentava um templo pseudoperíptero, com um

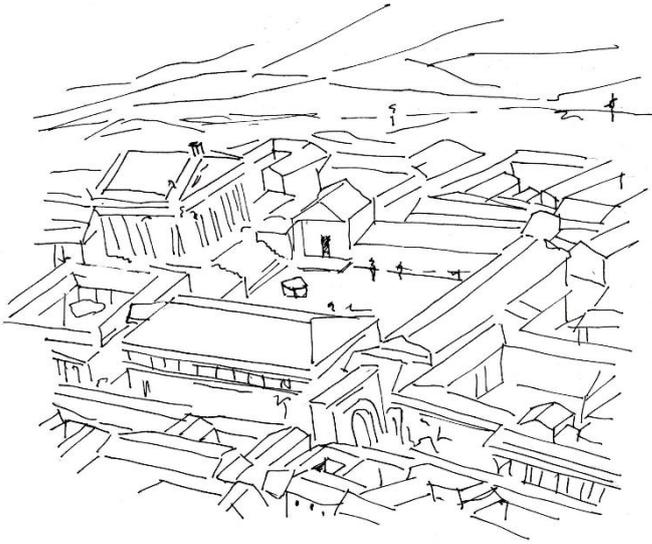


Figura 15: Esquisso da nossa autoria à semelhança de Cuicul reconstruída

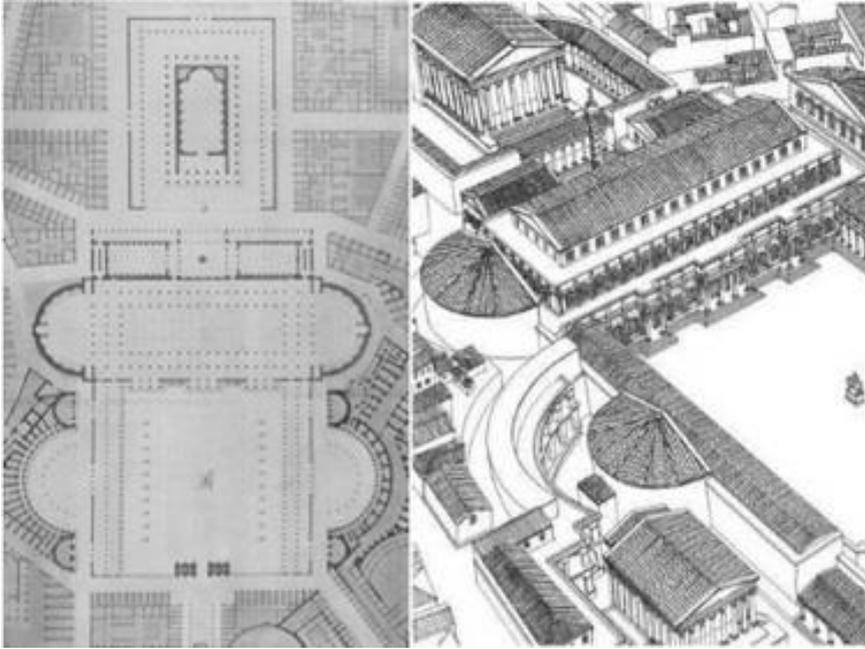
*porticus triplex* e um telhado de duas águas que ligavam o fórum ao criptopórtico; em frente ao templo existia uma praça destinada ao comércio. Durante as remodelações de Augusto, foi construída uma basílica judiciária no lado oriental mais longo do fórum e não no lado oposto ao templo, como os modelos anteriores ditavam. Mas nenhum modelo se impôs nas cidades provinciais africanas, sobressaindo apenas Cuicul, pela adoção do modelo mais semelhante ao citado<sup>13</sup>.

De facto, a posição lateral da basílica judiciária em relação ao fórum, que a basílica de Cuicul também assumiu, demonstrava a necessidade de se manter um eixo axial pelo *Cardus Maximus*. Explica-se, também, a adopção deste esquema pelo facto de o espaço do fórum, com o seu conjunto de edifícios assim dispostos, assegurar melhor a continuidade entre zona sagrada e zona profana, disponibilizando-se, nas áreas em torno do fórum, lugar para outros templos (por exemplo, o templo da *Vénus Genitrix*, protetora dos *Julii*, a Sul do fórum, a interromper o *Decumanos Maximus*).

Entende-se, portanto, que as dimensões deste tipo de fóruns eram geralmente significativas (de maior importância seria a cidade quanto maior e mais completo fosse o fórum) e mais ainda se este estivesse relacionado com a expansão da área urbana, onde ele era o centro monumental. Acontecia, porém, em muitos casos, que o fórum não era capaz de conter pelo menos um edifício religioso: o que ocorria na maioria das cidades do Norte de África (à excepção de Djémila e Timgad) era que estas, por não

---

<sup>13</sup> Pierre Gros, *L'Architecture romaine: du début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire, Les Monuments Publics*



Figuras 17 e 18: Respectivamente, planta do Fórum de Trajano em Roma (retirada do sítio [http://2.bp.blogspot.com/\\_OIkWGI6\\_S74/SwbLipcTHol/AAAAAAAAAEk/FYsPDILknGE/s1600/Foro%2520de%2520Trajano%2520\(179\).jpg](http://2.bp.blogspot.com/_OIkWGI6_S74/SwbLipcTHol/AAAAAAAAAEk/FYsPDILknGE/s1600/Foro%2520de%2520Trajano%2520(179).jpg)) e axonometria do mesmo retirada do livro *L'Architecture romaine: du début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire, Les Monuments Publics*, de Pierre Gros

terem sido cidades de fundação romana, mas colónias anexadas durante as conquistas, não possuíam espaço para albergar um fórum que contivesse todas as tipologias públicas que lhe estão associadas; apresentavam, assim, esquemas de fóruns de Roma muito alterados e com inúmeras variantes<sup>14</sup>.

Ainda a respeito da basílica *Julia* de Cuicul, esta, de forma atípica, apresentava apenas uma nave de pequenas dimensões que servia diretamente a rua e a praça do fórum. A basílica, no mundo romano, abrigava as mais diversas atividades, sendo o edifício cívico mais ligado aos assuntos imperiais. Quem mais frequentava, de facto, a Basílica de Cuicul, segundo Yvonne Allais, eram os banqueiros, os trocadores e outros comerciantes (a quem lhes era dada permissão, sob certas condições, para implantarem as suas bancadas no espaço coberto da basílica), caminantes ou quem pretendesse marcar, ao abrigo do litígio, um encontro privado. Esta polivalência de funções faz realçar a importância da construção e o carácter da sua definição estrutural. Possuía, também um tribunal, normalmente sobre um pódio, que podia estar mais ou menos elevado, consoante o espaço de sentar necessário para os juízes e representantes do poder municipal ou colonial das cidades (e excepcionalmente um representante do poder provincial). Contudo, a existência deste tribunal não era necessariamente obrigatória à constituição das basílicas, sendo, muitas vezes, substituído por outros serviços que

---

<sup>14</sup> Pierre Gros, *L'Architecture romaine: du début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire, Les Monuments Publics*



Figura 19: Fotografia do Fórum do Capitólio, retirada do livro *Djemila – antique Cuicul* de Louis Leschi

dependiam bastante da organização e da funcionalidade arquitetónica e da disponibilidade do espaço. A basílica, no lado Oeste do Fórum do Capitólio, apresentava, assim, fortes semelhanças arquitetónicas com a basílica *Julia* de Roma, embora a de Cuicul se trate de um edifício de menores dimensões.

Os colonos romanos estabeleceram no Norte de África a tríade capitolina (*Jupiter Optimus Maximus, Minerva e Juno*), implementada no edifício religioso mais importante - o *capitolium* [fig. 20]. Este era, geralmente, colocado numa posição dominante no fórum, de modo a que se pudesse observar a maior extensão do recinto fortificado (Vitrúvio). Cuicul, apesar de possuir uma organização urbana imperfeita (pois não seguiu o plano tradicional romano para as cidades devido à sua condição geográfica), apresentava disponibilidade no fórum para a construção de um capitólio tripartido (que deu nome ao complexo – Fórum do Capitólio), ainda que ligeiramente deslocado do eixo axial definido pelas portas de entrada do Fórum. Todavia, a construção da maior parte dos capitólios, datados pela sua inscrição dedicatória ou pelo seu contexto arqueológico e histórico, situa-se no séc. II, mais particularmente na segunda metade deste século. Este esplendor explica-se, em grande parte, pela difusão dos cultos dos imperadores e de Júpiter. Numerosos exemplos podem ser alegados em relação ao Norte de África, pois houve uma evolução inevitável da religião oficial, que conduziu, de certa forma, ao esquecimento do culto dos deuses regionais. No capitólio de Cuicul, um prostilo – o mesmo que pórtico colunado (as colunas possuíam cerca de 14 metros de altura) pouco profundo – dominava o fórum e marcava a entrada para a *cella* tripartida.

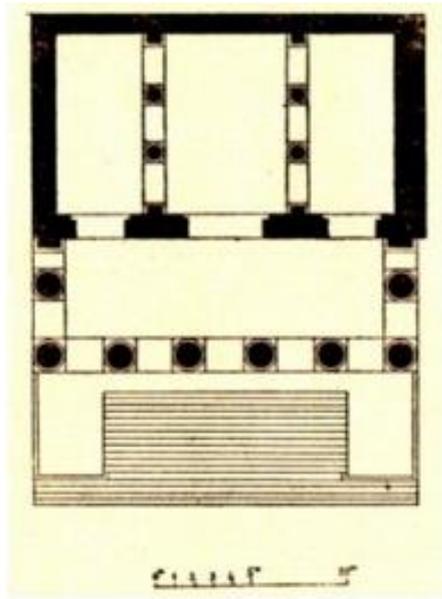


Figura 20: Planta do tempo do capitólio, realizada por A. Ballu

O Fórum do Capitólio de Cuicul possuía, também, uma cúria – segundo Vitruvius, esta tipologia fazia parte da lista de edifícios que melhor exprimiam a *dignitas urbis* (a dignidade urbana) pelo seu carácter, não só administrativo, mas também monumental. Esta cúria, sala de reunião do conselho municipal, data, segundo Yvonne Allais, que constatou que havia inscrições à entrada do edifício, dedicadas a Antonino Pio, do ano de 157, muito tempo após a fundação desta cidade. Contudo, Pierre Gros apontou 205 como ano de finalização da Cúria, já no reinado de Septímio Severo, época, também, da construção do novo fórum, a Sul da cidade.

O mercado completa o conjunto de edifícios de que o fórum dispunha. Nas províncias ocidentais, a planta retangular, aplicada aos *macellum* ou mercados, sem variante notória, permaneceu em uso ainda no século II num grande número de casos, e alguns deles sob uma forma bastante elaborada, como aconteceu em Cuicul – mercado dos Irmãos *Cosinus* [fig. 21]. Este edifício, construído durante o reinado de Antonino Pio, no lado nordeste do fórum, apresentava uma bela colunata (longa sequência de colunas ligadas em entablamentos), um potente muro de *opus africanum* e, ao centro de um pátio aberto, um *tholos* (edifício circular), o qual continha inscrições de dedicatórias ao deus do comércio, Mercúrio; possuía 18 lojas equipadas com grandes mesas de pedra, formando um balcão que barrava a entrada a quem não se tratasse de comerciante. Possuía um esquema, embora em maior escala, muito semelhante ao de Thibilis, onde notamos apenas, na ausência de *tholos*, um pequeno pátio cercado por seis colunas em torno das quais são distribuídas nove lojas; ou ao de Viroconium, onde o mercado,



Figura 21: Fotografia do mercado dos irmãos *Cosinius*, retirada do livro *Djemila – antique Cuicul* de Louis Leschi

concluído na época de Adriano, próximo do fórum, incluía também um pequeno pátio coberto por uma camada de cascalho/gravilha, rodeado por um pórtico de oito colunas<sup>15</sup>.

### **Fórum dos Severos [fig. 22]**

Na época dos reinados de Antonino e de Severo (período referente à segunda metade do séc. II até ao séc. III), assistiu-se a um fenómeno de construção a grande escala. Enriquecida pela agricultura e pelo comércio, Cuicul, no séc. II, era já uma cidade próspera; as finanças municipais e a construção beneficiavam desse enriquecimento. Para além disso, as doações privadas, demonstração da riqueza da burguesia da cidade, constituíam também uma ajuda importante no embelezamento e monumentalização da cidade.

No século III, o Fórum do Capitólio mal servia como espaço público, pois era demasiado pequeno para a população em constante crescimento de Cuicul. Com a expansão da cidade, houve a necessidade de se criar um novo polo de vida social, surgindo assim um fórum mais amplo - o Fórum dos Severos [fig. 23]. Ao contrário do primeiro fórum, este nasceu de acordo com a situação geográfica da zona mais a Sul da cidade, fora da antiga

---

<sup>15</sup> Pierre Gros, *L'Architecture romaine: du début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire, Les Monuments Publics*



Figura 23: Fotografia do tempo dedicado à *Gens Septimia*, retirada do livro *Djemila – antique Cuicul* de Louis Leschi

cidade muralhada. Situado num ponto de contacto entre a cidade antiga e os quarteirões novos, o Fórum de Severo dava aos cidadãos um espaço de estar de dimensões adequadas à população, com pórticos no lado Norte e Este que serviam de proteção nos dias de muita chuva ou de muito sol. Cuicul tinha como objetivo afirmar-se a nível social, político e religioso - outra das razões pela qual se construiu um novo fórum.

A praça do Fórum dos Severos era um espaço com 3200 metros quadrados, do qual nasciam 5 ruas: o *Cardus Maximus* e a Rua do Velho Fórum, situados a Norte, atravessavam a antiga cidade; uma terceira passava pelo Arco de Caracalla; uma quarta levava ao Teatro; e a quinta prolongava o *Cardus*, conduzindo às Termas e ao Bairro Cristão. Nesta praça, como era habitual nas cidades romanas, localizavam-se vários edifícios públicos e religiosos.

No fim do século II, os capitólios deram rapidamente lugar aos templos de culto imperial propriamente ditos. O movimento ampliou-se mais ainda com a chegada de uma dinastia africana à morte de *Commodus* – a severiana. Dois exemplos, no projeto e na realização, têm merecido uma menção nos estudos de História da Arquitetura Romana: os Templos Severianos de Cuicul e Lepcis Magna. Ambos surgiram como estruturas de dominação projetadas para reinarem sobre os novos espaços públicos - as grandes praças dos novos fóruns, fora do antigo núcleo colonial. Caracterizados por altos pódios – o templo de Cuicul beneficiava de uma elevação –, definiam-se pela acentuação de valores frontais – possuíam pronaos, protilo em tetrastilo (uso de 4 colunas)<sup>16</sup>. A porta

---

<sup>16</sup> Pierre Gros, *L'Architecture romaine: du début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire*, Les Monuments Publics

pela qual se acedia ao interior do templo estava ornamentada pelas efígies de Septímio Severo e Julia Domna, sua esposa.

Junto ao fórum, imediatamente no lado Sudoeste do templo dedicado à *Gens Septímia*, encontrava-se uma basílica civil do séc. IV, cujas ruínas apresentam um elevado estado de degradação. Estas deixam supor que se trataria de um templo e pensa-se, sem grandes dúvidas, conforme afirma Eugène Albertini, que era dedicado ao deus *Frugifer*, ou seja, ao deus Saturno Africano. Este templo ficou em ruínas no séc. IV, e, no mesmo período, aproveitando-se os materiais dos destroços, construiu-se uma basílica civil no local. No intuito de se relacionar com o espaço público, uma constante na arquitetura romana, a basílica era constituída por uma nave, de 36 metros de comprimento por 14 de largura, precedida por um vestíbulo que dava para o fórum e que se prolongava, a Sul, para uma rua.

No lado Oeste, ergueu-se um conjunto de edifícios que se interligavam pelas suas funções. Eram estes a Casa da Água, uma fonte e uma *Nymphae* e umas latrinas públicas, por detrás do Mercado dos Tecidos. A sua localização justifica-se pela presença, no mesmo local, das ruínas de um aqueduto que servia a cidade<sup>17</sup>.

De concluir que, enquanto o espaço da praça no Fórum do Capitólio era delimitado pelas construções que a cercavam, num local terraplanado a uma cota mais alta pelos construtores, no Fórum dos Severos – expoente máximo das construções de Cuicul da dinastia severiana – a criação da sua praça concretizou-se em diálogo com a topografia. As arcadas do Fórum dos Severos, que atuavam como obstáculo à luz intensa ou às intempéries, não eram contínuas, isto é, não se dispunham a toda a volta da praça do fórum, mas estabeleciam relações fortes com esta e o resto da cidade: conectavam, por intermédio de galerias de dois andares, a mesma praça com a Rua do Antigo Fórum (*decumani* do bairro Norte da cidade), prolongando a rua; funcionavam como *pastiche* (assim como o edifício dos celeiros) da muralha que ali existiu; e, por fim, contrapunham-se aos momentos em que a praça era delimitada pelos edifícios, que ocupavam os restantes lados do fórum (percebe-se, desta forma, a razão por que alguns edifícios, nomeadamente o templo à *Gens Septímia*, a basílica civil, as estruturas a Sudeste e o pequeno templo e o arco a Caracalla respeitaram o desenho da praça, ao invés dos restantes, por serem resultado de um estilo arquitectónico distinto e de uma malha que se estava a formar a Sul da cidade (por isso, por sua vez, o mercado das roupas e a Grande Rua Prolongada eram paralelos entre si)).

---

<sup>17</sup> A. Ballu, *Guide Illustré de Djemila (antique Cuicul)*

## Bairro Cristão [fig. 24]

“O édito de Milão, pelo qual, no ano de 313, Constantino (c. 285-337, imperador desde 306) e Licínio (c.250-c.324) permitem aos cristãos professar publicamente a sua fé, assinala uma viragem da história que é também uma viragem decisiva no campo das edificações de carácter sagrado e das formas figurativas de expressão. Os cristãos têm, pela primeira vez, condições para criar um sistema adaptado às suas necessidades religiosas, podendo organizar funcionalmente os espaços respetivos e dotá-los das estruturas necessárias. Tudo o que de religioso está até então restrito ao interior das habitações ou a espaços exíguos nos cemitérios adquire, agora, uma dimensão pública comparável à dos espaços e imagens pagãs.”<sup>18</sup>

Depois de 313, os edifícios cristãos edificados em Roma, Jerusalém e Constantinopla, os principais núcleos de então, tornaram-se modelos para os séculos vindouros<sup>19</sup>. Em Cuicul, estabeleceu-se uma comunidade cristã, bem como várias estruturas arquitetónicas já esquematizadas, através de epigrafias e inscrições encontradas em mosaicos ou sobre as fachadas de edifícios, bem preservadas pelo imenso deserto que os soterrou. Esta comunidade radicou-se, no séc. IV, a Sul da cidade, na periferia, para lá da necrópole e protagonizou o renascimento de uma cidade maioritariamente agrícola e economicamente instável, no final do século III - clara influência dos tempos difíceis que o império romano, em declínio, estava a conhecer. Os cristãos procuraram, assim, restaurar o aqueduto que abastecia a cidade e construir novos monumentos: atribui-se-lhes a construção da fonte junto às Grandes Termas, da Casa da Água e do Mercado do Fórum dos Severos, que substituíram outros que existiam no mesmo local.

Expedições arqueológicas e científicas<sup>20</sup> revelaram, a 150 metros a Sul do teatro, desenvolvendo-se no sentido Sul-Este da cidade, um imponente conjunto de edifícios, ricamente decorados, que se constituem como um dos mais consideráveis da antiguidade cristã.

O conjunto de monumentos cristãos inclui quatro edifícios principais, bastante distintos, mas integrados no mesmo conjunto: a antiga e a nova basílicas, uma igreja e um baptistério com banhos. Estes anexavam-se por 3 criptas com corredores subterrâneos e por uma longa esplanada com uma varanda, à qual cada edifício tinha acesso através de pórticos ricamente ornamentados. Segundo Yvonne Allais, uma avenida larga com colunatas, precedida de pórticos monumentais, que subia até ao topo de uma colina,

---

<sup>18</sup> Umberto Eco, *Idade Média - Bárbaros, cristãos e muçulmanos*

<sup>19</sup> André Grabar, *L'Âge d'or de Justinien, de la mort de Théodose à l'Islam*

<sup>20</sup> A primeira escavação realizada naquela parte de Cuicul, tomada por Ravoisié, em 1840, deu a conhecer uma basílica cristã. As escavações foram retomadas, por M. Ballu, arquitecto, em 1913, a quem se deve a descoberta de uma outra basílica ainda de maiores dimensões que a anterior, uma igreja, duas ruas e um baptistério com banhos.

dava acesso à praça do núcleo cristão – outro elemento de ligação entre os edifícios do conjunto. A praça era intersectada por duas ruas perpendiculares, que separavam os edifícios dois a dois. Este conjunto cobria uma área de, aproximadamente, meio hectare, de 75 metros no sentido Norte-Sul e 65 de Oeste-Este. O terreno onde estavam implantados era bastante íngreme em ambas as direções, pelo que as diferenças de níveis eram resolvidas por escadas.

Uma análise sobre a forma da praça permite-nos afirmar que esta era configurada pela disposição menos regular do edificado e não por um desenho cuidado, geométrico, como o das praças dos *fora* romanos. Por outro lado, percebe-se fluidez e permeabilidade na relação do espaço exterior com os edifícios religiosos, numa articulação que não é marcadamente axial ou fácil de prever. Isto é, os acessos para o interior dos edifícios são inúmeros, assim como as formas de circulação nestes e na praça. Nos fóruns romanos tudo se torna mais taxativo pela existência de um sentido e eixo que se privilegiavam.

Os edifícios supracitados, para além de limitarem a praça, organizam o núcleo, completando-se no sentido de criar um programa religioso riquíssimo e que torna o Bairro Cristão de Cuicul um exemplo ímpar na arquitetura da época. O modelo seguido terá sido o dos principais núcleos cristãos no séc. III, IV e V, onde se começaram a construir as primeiras basílicas “paroquiais”. Segundo Umberto Eco e André Grabar, a basílica cristã nasceu com a basílica de São João de Latrão, construída, durante o pontificado de Silvestre I (?-335, papa desde 314), como catedral, a sede, por excelência, do bispo e da religião [fig. 25]. A basílica de São João de Latrão do tempo de Constantino dispunha-se em 5 naves, em que a central terminava numa ampla abside, na qual estava instalado o presbitério, com as cadeiras do clero e do altar. O *fastigium*, ponto de maior altura da catedral, que precedia a abside, transformava simbolicamente a basílica numa espécie de sala de audiências gigantesca perante a figura de Cristo<sup>21</sup>.

A nova arquitetura adotou, deste modo, uma ideologia imperial, que permitia comunicar às populações o novo papel oficial da Igreja e a sua função política como força unificadora do império. Daí a inevitável adoração do estilo mais imponente da arquitetura clássica romana, o que veio a ser adotado por toda a arquitetura sagrada constantiniana, e, sobretudo, a escolha de uma categoria de edifícios civis muito versátil, como a basílica, usada em todas as províncias. A basílica civil do século III, conhecida em muitas variantes, munida frequentemente de filas longitudinais de colunas ou pilares e, por vezes, de absides nos extremos, foi, então, readaptada às necessidades cristãs. Entendemos, ao analisar a forma da basílica, que esta mostra, igualmente, uma clara influência da basílica pompeiana. Esta basílica romana, em oposição às basílicas *Aemilia* e *Julia*, por exemplo, distinguia-se pela tipologia longa, em que a entrada se fazia por um dos seus lados menores, tendo o tribunal no lado oposto, sendo o tribunal substituído

---

<sup>21</sup> Umberto Eco, *Idade Média - Bárbaros, cristãos e muçulmanos*

por uma abside<sup>22</sup>. A antiga e a nova basílicas do bairro cristão de Cuicul adquiriram traços como os referidos – tratam-se, pois, de basílicas do tipo monoabsidial.

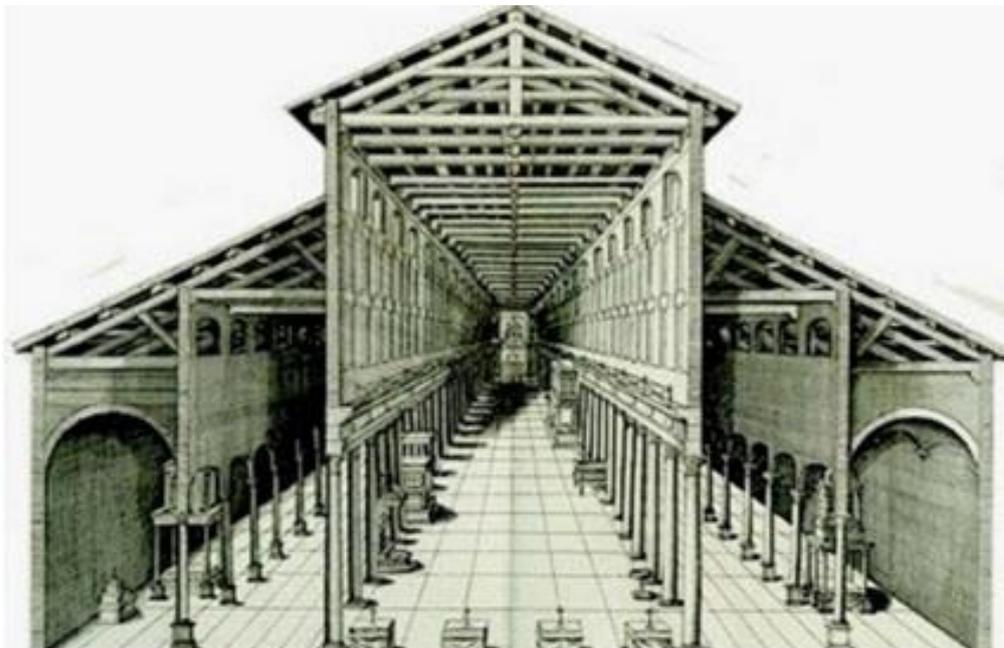


Figura 25: Imagem onde é notória a espacialidade de uma basílica cristã; retirada do sítio: [http://www.lasalle.es/santanderapuntes/arte/renacimiento/arquitectura/xvi/basilica\\_constantiniana.jpg](http://www.lasalle.es/santanderapuntes/arte/renacimiento/arquitectura/xvi/basilica_constantiniana.jpg)

A partir de finais do século IV e no século V, as basílicas construídas começaram a diferenciar-se mais da basílica constantiniana. Havia catedrais paleocristãs de cinco naves em Milão, em Vercelli, em Santa Maria Capua Vetere, em Ravena e, fora da península itálica, de Lyon ao Norte de África (o caso de Cuicul), de Constantinopla a Jerusalém. Assistiu-se, em simultâneo a outro fenómeno recorrente – a duplicação da estrutura arquitetónica de uma basílica pré-existente próxima, inclusive, só que de maiores dimensões e mais ostentosa, nas grandes cidades. A existência de dois espaços de culto – aos quais se juntou um terceiro, o batistério –, explica Umberto Eco, deve ser entendida como uma especialização dos ambientes segundo a alternância da liturgia dominical, a principal celebração cristã, com a liturgia festiva. A posição recíproca dos espaços de culto e do batistério não seguiu uma regra fixa, mas mudava consoante os costumes litúrgicos e construtivos das diversas zonas e os condicionamentos urbanísticos. Tal fenómeno verificou-se, também, em Cuicul, onde foi construída, junto à basílica do século IV, uma nova basílica de cinco naves [fig. 26] e um batistério.

Os batistérios, por sua vez, traduziam, em planta central, a arquitetura dos grandes mausoléus patrícios romanos [fig. 27]. O sucesso da planta centralizada foi notável, mas muitas eram as suas variantes: construíram-se, por exemplo, batistérios octogonais por dentro e quadrados por fora, batistérios com capelas agregadas, salientes ou não, com

---

<sup>22</sup> M. Wheeler, *El Arte y la Architectura de Roma*



Figuras 26 e 27: Respectivamente, fotografia da entrada da basílica do séc. V, com o baptistério e a basílica do séc. IV em segundo plano (retirada do livro *Djemila - antique Cuicul*, de Louis Leschi) e exemplo de mausoléu a Adriano, em Roma (retirado do sítio: [http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcS4XgVOKZYWPtIjNyKAYfyBtVviDuZfP8uNzSLHEIU\\_TO3ZfTxKBg](http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcS4XgVOKZYWPtIjNyKAYfyBtVviDuZfP8uNzSLHEIU_TO3ZfTxKBg))

capelas quadradas alternando com absidiólas, com ou sem deambulatório exterior, etc<sup>23</sup>. Em algumas regiões, foram preferidas outras plantas: quadrada ou retangular, com ou sem abside. No caso do batistério de Cuicul, trata-se seguramente de um dos mais completos batistérios e um dos mais interessantes de África, onde os exemplos são inúmeros. Com divisões de esquemas todos diferentes, as paredes exteriores desenhavam, no entanto, a forma de um retângulo, de, aproximadamente, 23 metros no sentido Norte-Sul e de 20 metros no Este-Oeste. O batistério propriamente dito ocupava a maioria do lado oriental do retângulo, ao qual foi anexado um estabelecimento completo de banhos. Aos olhos das convenções e das exigências do batismo, este exemplo de organização arquitetónica, com banhos inseridos num Batistério, possuía uma certa novidade arquitetónica. Contudo, em África, um outro exemplo semelhante, em Tipasa, na Mauritânia, de onde o bispo Cresconius (principal dirigente da comunidade cristã de Cuicul) retirou o exemplo. O lugar do batistério [figs. 28 e 29] possuía planta centrada, circular, com dois corredores, um de cada lado adaptados à mesma forma. No centro do batistério, o espaço, dominado por uma cúpula hemisférica,

<sup>23</sup> Paul Monceaux, *Une inscription biblique à Djemila*



Figuras 28 e 29: Respectivamente, fotografias de um dos corredores abobadados e da pia baptismal (retiradas do livro *Djemila – antique Cuicul*)

possuía 12 metros de altura. O interior do monumento era somente iluminado por *oculi*, uma, de 25 cm, ao centro da cúpula, e oito nos corredores abobadado<sup>24</sup>.

## Outros Equipamentos Públicos

### Teatro

A descrição virgiliana, na *Eneida*, próxima do modelo augustino, no qual se misturava um arcaísmo de convenção, apontava para a monumentalidade da construção do teatro nas primeiras cidades romanas provinciais e para as ornamentações escultóricas da fachada do palco. Em África, a primeira construção do género remonta a Juba II (Numídia, 52 a.C. – 24 d. C.), rei da Mauritânia, o favorito de Augusto, que mandou construir em Cesareia, cidade capital do reino Numídia na altura, em honra do mesmo imperador romano, um teatro. O essencial da sua ornamentação marmórea foi realizado de acordo com o modelo urbano de Roma.

Na África do Alto Império, os teatros apresentavam algumas variantes do modelo de construção: o modo de implantação usado era o de encostamento da cávea ao relevo

---

<sup>24</sup> Dados e informações respeitantes às arquitecturas apontadas retirados da bibliografia: A. Ballu, *Guide Illustré de Djemila (antique Cuicul)*; Paul Monceaux, *Découverte d'une groupe d'édifices chrétiens à Djemila*

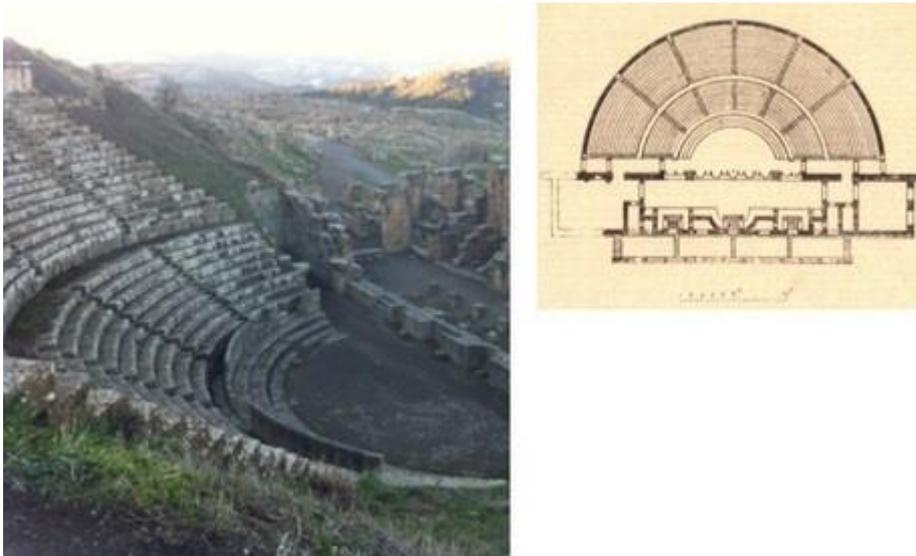


Figura 30: Fotografia do teatro de Djémila (retirada do sítio [http://decouvertealgerie.files.wordpress.com/2013/01/img\\_2018.jpg](http://decouvertealgerie.files.wordpress.com/2013/01/img_2018.jpg)) e planta do mesmo, realizada por A. Ballu

natural - caso de Cuicul, cujo teatro se apoiou sobre uma colina, a Sudeste da cidade, fora das muralhas - ou às substruções artificiais; as dimensões díspares - o Teatro de Cuicul [fig. 30] (dos anos de 160 e 161) tinha uma capacidade para 3000 espectadores sentados - e a disposição interior – no edifício as duas bancadas estavam dispostas em semicírculo, à volta da orquestra e à frente do palco; os lugares para os espectadores obedeciam ao seu estatuto social: senadores e cavaleiros nas filas da frente, seguidos dos cidadãos romanos e, por último, o povo. O semicírculo era limitado na sua parte superior por um muro de dois metros e contornado por uma cornija. A entrada para as bancadas fazia-se por túneis cobertos – os *vomitorium*. O palco, denominado de *proscenium*, era largo e baixo e este era, ainda, ornamentado por uma colunata, nichos e estátuas.

### **Arco de Caracalla [fig. 31]**

Foi erigido em 216 em honra do imperador *Caracalla*, da sua mãe *Julia Domna*, e do seu pai, *Septímio Severo*, no qual constavam estátuas em sua homenagem e referências numa inscrição com dedicatória sobre o frontão do arco. Outras estátuas e ricas ornamentações escultóricas ocupavam os nichos das colunatas. Possuía 12,5 metros de altura e foi posicionado na entrada da estrada para Sétif, constituindo uma entrada monumental para a Praça dos Severos.



Figura 31: Arco de Caracalla de Cuicul, imagem retirada do livro *Djemila - antique Cuicul* de Louis Leschi

### **Celeiros**

Os Celeiros de Cuicul [fig. 32], com inscrições datadas do ano de 199 d. C., foram construídos para a República *Cuiculitanorem* e consagrados ao imperador Septímio Severo e à sua família. A expressão para celeiro em latim - *horrea sacra* – manifestava claramente que este tipo de tipologia pública se constituía como aliada do poder central, pertencendo, como tal, aos monumentos de culto imperial. O edifício, de tipologia muito difundida nas *urbis* africanas, possuía, na entrada, um pórtico coberto, tal como os templos romanos, de 22 metros de largura. Os acidentes na topografia do terreno e a existência de outras construções à volta do local do celeiro obrigaram a uma distorção do plano-padrão – a fachada ocidental era oblíqua ao restante conjunto, constituindo-se, por isso, como mais longa e larga: as 3 salas do lado norte, rectângulos perfeitos, possuíam 21,60mx3m e as salas oblíquas possuíam 25 metros e cortavam o comprimento das duas salas centrais, constituindo um formato irregular em triângulo. As paredes interiores eram formadas por blocos verticais de pedras de 1 metro a 1,50 metros e possuíam cerca de 2 metros de altura.

### **Muralha**

A muralha de Cuicul, com uma forma próxima à de um triângulo, estendia-se sobre um estreito patamar, na confluência entre dois rios e entre depressões rochosas ou colinas. A Norte, junto a um vértice do triângulo, abria-se uma porta, a Este e a Oeste a muralha

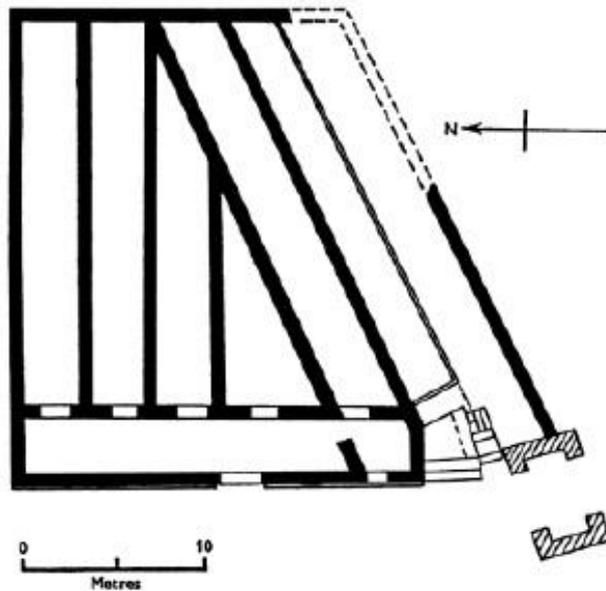


Figura 32: Planta dos celeiros de Cuicul, retirada do livro *Roman Graniers and Store Buildings*, de Geoffrey Rickman

percorria os limites do planalto, enquanto que no extremo Sul a muralha deixava de se estender, segundo Yvonne Allais, sem alguma razão de ser.<sup>25</sup>

Como tal, o espaço do núcleo mais antigo da cidade de Cuicul esteve sempre circunscrito pela Muralha, a que se deve a organização daquela parte da cidade, persistindo, porém, a regra urbanística das cidades romanas: o Fórum do Capitólio ocupava o espaço onde se cruzam as duas ruas principais (o *Cardus Maximus* e o *Decumanus Maximus*), tornando-se num espaço comercial, social e político, que compreendia um conjunto de edifícios administrativos e religiosos públicos - “*Havia que se pensar na vida material dos cidadãos, facilitar o seu abastecimento, satisfazer os seus divertimentos e corresponder às necessidades da higiene: (...)*”<sup>26</sup>.

Com o desenvolvimento da atividade citadina, no reinado do Imperador Antonino Pio (século II), surgiram algumas preocupações fundamentais que contribuíram não só para o desenvolvimento de Cuicul, como também para o seu bom funcionamento.

<sup>25</sup> Como as novas descobertas arqueológicas já ultrapassaram os testemunhos de Yvonne Allais (ainda assim, a principal estudiosa sobre o sítio de Cuicul), pensa-se, hoje, que fora das muralhas existia um templo fúnebre a Frugifer (deus raramente representado ou homenageado por comprometer a ordem social e ser temido pelas populações) e, nas suas imediações, um cemitério, explicando-se, assim, o facto da zona imediatamente atrás do templo não estar edificada.

<sup>26</sup> Yvonne Allais, *Djémila*

## **Termas do Capitólio**

Geralmente, as termas romanas apresentavam uma estrutura em si simétrica, organizada por diferentes espaços consoante as suas finalidades: como é o caso das Termas do Capitólio, existiam dois quartos amplos com piscina de água fria (os *frigidarium*), três de água tépida (os *tepidarium*) e outros dois de água quente (os *caldarium*). Provavelmente, a simetria que se observava na disposição destes espaços devia-se ao facto de haver uma intenção de separar os banhos masculinos dos femininos.

## **Templo de Vénus**

Localizado no eixo posterior do arco do *Cardus Maximus*, a sul, apresentava uma planta com a forma de um trapézio. Nos três lados do edifício formavam-se três pórticos e um deles ocupava o *Decumanus Maximus*, interrompendo a rua original. A localização deste espaço, embora cimente uma proximidade favorável com o fórum, é estranha às explicações de Vitruvius, porque segundo o autor, este tipo de edifícios devia posicionar-se não no centro da cidade, mas fora das muralhas, favorecendo práticas religiosas privadas e cultos a Vénus *Genitrix*, a deusa da Maternidade.

## **Grandes Termas [figs. 33 e 34]**

A Sudoeste do Fórum dos Severos, seguindo pela Grande Rua Prolongada, encontravam-se, ainda, as Grandes Termas. Este monumento possuía um extenso programa que incluía vestiários, salas de vapor, grandes tanques de água quente e de água fria, com grandes arcos de sustentação, paredes duplas entre os quartos aquecidos, que faziam circular o ar quente no hipocausto (sistema de aquecimento). As paredes da imponente construção eram cobertas por mármore e o chão por mosaicos. Uma porta larga dava acesso a dois vestíbulos simétricos - encontrando-se no lado direito umas



Figura 33: Vista geral sobre as Grandes Termas; imagem retirada do sítio <http://img.over-blog.com/500x333/1/17/68/82//djemgrant40119432.IMG-5601copie-1-.jpg>

latrinas e no lado esquerdo um escritório que se destinava à gestão do estabelecimento, que depois encaminhava para uma sala de grandes dimensões, que ocupava quase toda a largura do edifício. Em torno desta grande sala, havia uma outra sala, de dimensões semelhantes à de um quadrado, com três piscinas, e ainda outra, de forma oval, que dava acesso, tanto pela direita como pela esquerda a quartos com fornalhas; existiam, para além das referidas, outras salas, com diversas funções. A Norte do edifício existia um pátio pavimentado cercado em três lados por pórticos. Aqui encontravam-se grandes tanques, também alimentados pelas águas do aqueduto municipal.

## Conclusão

A sensação de “percorrer” a história de Cuicul/Djémila, num espaço cronológico que vai do século I ao século VI, demonstrou ser uma experiência gratificante, na medida em que se tratou de um caso de estudo, de certa forma, eclético. Aprendemos que as diferentes estruturas que compõem a cidade não competem entre si – compõem, sim, uma situação única de interação das pessoas que a habitaram (e das que hoje visitam as suas ruínas) com a arquitetura diversificada. Em Cuicul/Djémila encontramos construções complexas, elaboradas por construtores romanos e por, mais tarde, com a fixação de uma nova comunidade, cristãos, que ultrapassaram as adversidades do formato do terreno e se adaptaram através de sistemas construtivos conhecidos das duas comunidades – como o aproveitamento de planos inclinados, o uso de terraplanagens, escadas ou a articulação de diferentes tipologias de edifícios e de direções, soluções que se mantém, na atualidade, como objeto de reflexão para os arquitetos.

## Notas Sobre as Ilustrações (a)

Imagem de Capa: Esquisso sobre a vista aérea do antigo núcleo da cidade de Cuicul elaborado por um elemento do grupo. Fonte: conjunto de informações consultadas

Fig. 3: Mapa das províncias romanas no Norte de África. Fonte: Susan Raven, *Rome in Africa*, Evans Brothers Limited London, London, 1969

Fig. 4: Esquematização das curvas de nível do território de implantação de Cuicul. Fonte: conjunto de informações consultadas

Fig. 8: Planta elaborada pelo grupo, em tamanho A4, respeitante às fases de construção da cidade de Cuicul. Fonte: imagem editada pela Universidade Loyola de Chicago

Fig. 11: Planta elaborada pelo grupo, em tamanho A4, respeitante às tipologias em estudo da cidade de Cuicul. Fonte: imagem editada pela Universidade Loyola de Chicago

Fig. 12: Planta elaborada pelo grupo, em tamanho A4, respeitante aos três espaços públicos abertos. Fonte: imagem editada pela Universidade Loyola de Chicago

Figs. 16 e 23: Plantas e Cortes do Fórum do Capitólio e do Fórum dos Severos, à escala 1/200. Fonte: conjunto de informações consultadas (Yvonne Allais, *Djemila, Algérie*, 1938; Albert Ballu, *Guide Illustré de Djémila (Antique Cuicul)*, Jules Carbonel Éditeur, Argel, 1926; ...)

Fig. 24: Planta e corte do Bairro Cristão, à escala 1/2000. Fonte: conjunto de informações consultadas (Yvonne Allais, *Djemila, Algérie*, 1938; Albert Ballu, *Guide Illustré de Djémila (Antique Cuicul)*, Jules Carbonel Éditeur, Argel, 1926; Paul Monceaux, *Découverte d'une groupe d'édifices chrétiens à Djemila, Persée*, 1922)

Fig. 34: Planta elaborada por um elemento do grupo, à escala 1/3000, das Grandes Termas de Cuicul. Fonte: reunião de informações consultadas sobre o monumento; Yvonne Allais, *Djemila, Algeria*, 1938

Fig. 35: Planta geral da cidade de Djémila ou Cuicul, à escala 1/500, elaborada pelo grupo. Fonte: imagem editada pela Universidade Loyola de Chicago

(a) Neste nota constam somente a legenda das ilustrações que não estão identificadas no texto ou que estão em anexo com o texto.

## Bibliografia

- ALLAIS, Yvonne, *Djemila*, Algérie, 1938
- ALLAIS, Yvonne, *Le Quartier Occidental de Djemila*, Persée, Algérie, 1971
- BALLU, Albert, *Guide Illustré de Djémila (Antique Cuicul)*, Jules Carbonel Éditeur, Argel, 1926
- BIRLEY, Anthony R., *SEPTIMIUS SEVERUS, The African Emperor*, London, Routledge, 1999
- DUPUIS-PANTHER, Ferdinand, *Património da Humanidade*, vol. 2, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2004
- GRABAR, André, *L'Âge d'or de Justinien, de la mort de Théodose à l'islam*, Paris, 1966
- GROS, Pierre, *L'Architecture romaine: du début du IIIe siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire*, 1. *Les Monuments Publics*, Edition Picard, Paris, 2001
- LESCHI, Louis, *Djemila – antique Cuicul*, Imprimerie Officielle, Argel, Septembre 1950
- MACIEL, M. Justino, *VITRÚVIO, Tratado de Arquitectura*, Lisboa, IST Press, 2009
- MONCEAUX, Paul, *Découverte d'une groupe d'édifices chrétiens à Djemila*, Persée, 1922
- MONCEAUX, Paul, *Une inscription biblique à Djemila*, Persée, 1913
- PAZ, Paz Lopez, *La Ciudad Romana Ideal*, 1. *El Territorio*, Santiago de Compostela, La Editorial de la Historia, 1992
- RAVEN, Susan, *Rome in Africa*, London, Evans Brothers Limited, 1969
- RICKMAN, Geoffrey, *Roman Granaries and Store Buildings*, Cambridge, University Press, 1971
- SEARS, Gareth, *The Cities of Roman Africa*, Stroud, Gloucestershire, The History Press, 2011

## Web-Bibliografia

- <http://www.arqueotur.org/yacimientos/ciudad-romana-de-cuicul-djemila-y-museo-de-djemila.html>
- [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/antaf\\_0066-4871\\_1971\\_num\\_5\\_1\\_927](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/antaf_0066-4871_1971_num_5_1_927)
- [http://books.google.pt/books?id=Z97tQ9epL6QC&pg=PA98&lpg=PA98&dq=maison+de+Djemila&source=bl&ots=3\\_OZrWRf8m&sig=7H6oGFrWie47UvH4p9kTclYfM&hl=pt-PT&sa=X&ei=17fxUOegLleGhQeop4CQCQ&ved=0CCoQ6AEwAA#v=onepage&q=maison%20de%20Djemila&f=false](http://books.google.pt/books?id=Z97tQ9epL6QC&pg=PA98&lpg=PA98&dq=maison+de+Djemila&source=bl&ots=3_OZrWRf8m&sig=7H6oGFrWie47UvH4p9kTclYfM&hl=pt-PT&sa=X&ei=17fxUOegLleGhQeop4CQCQ&ved=0CCoQ6AEwAA#v=onepage&q=maison%20de%20Djemila&f=false)
- <http://www.slideshare.net/Slbamm/termas-no-imprio-romano-3396989>
- <http://www.slideshare.net/Slbamm/termas-romanas-trabalho>
- <http://whc.unesco.org/fr/list/191/>
- <http://fr.wikipedia.org/wiki/Djemila>
- <http://christocentrix.over-blog.fr/article-djemila-antique-cuicul-suite-et-fin-71945622.html>